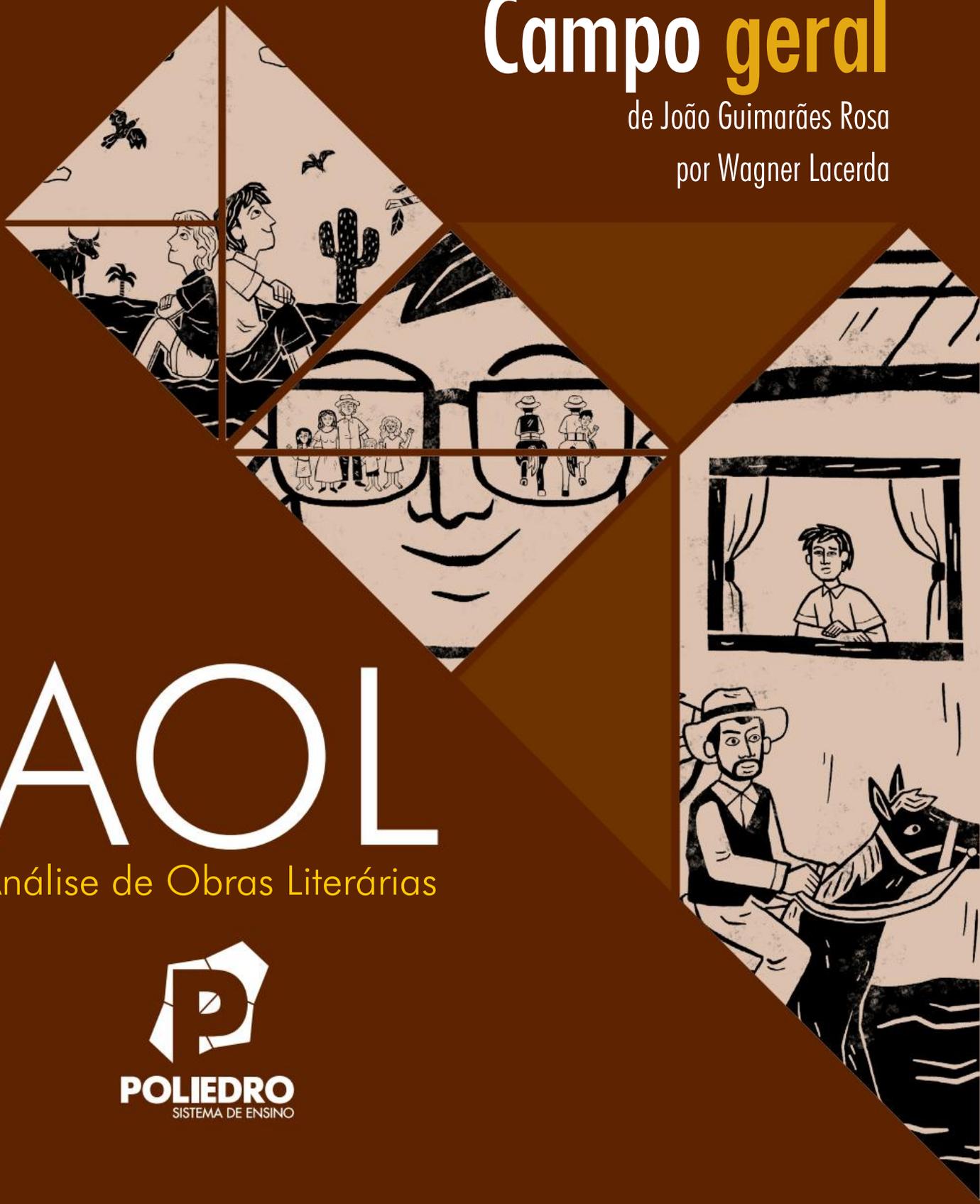


Campo geral

de João Guimarães Rosa

por Wagner Lacerda



AOL

Análise de Obras Literárias



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

EXPEDIENTE



Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2020.
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Autoria: Wagner Lacerda

Direção-geral: Nicolau Arbex Sarkis

Gerência editorial: Wagner Nicaretta

Coordenação de projeto editorial: Brunna
Mayra Vieira da Conceição

Edição de conteúdo: Mariana Castelo Queiroz
Toledo

Analista editorial: Débora Cristina Guedes

Gerência de produção editorial: Andréa
Cozzolino

Coordenação de edição de texto: Anaiza
Castellani Selingardi

Edição de texto: Letícia Mariane da Silva Paiva

Coordenação de revisão: Carla Vieira Cardoso
Egídio

Revisão: Kemi Tanisho e Vivian Prado de Souza

Coordenação de arte: Kleber S. Portela e
Leonardo Pires

Diagramação: Guilherme Oliveira

Ilustração: Robson Araújo

Projeto gráfico e capa: Kleber S. Portela

Coordenação de licenciamento e iconografia:
Letícia Palária de Castro Rocha

Analista de licenciamento: Jessica Clifton Riley

Coordenação de planejamento editorial:

Rodolfo da Silva Alves

Planejamento editorial: Caroline Barbosa Lopes
do Amaral e Maria Carolina das Neves Ramos

Coordenação de PCP: Anderson Flávio Correia

Analista de PCP: Vandrê Luis Soares

Colaboração externa: Nadirléia Amorim Yunes

(revisão)

Impressão e acabamento: PffferPrint

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

Campo geral

de João Guimarães Rosa
por Wagner Lacerda



AOL

Análise de Obras Literárias

Campo geral

de João Guimarães Rosa





Em “Campo geral”, João Guimarães Rosa narra a história do pequeno Migulim. No distante e isolado município de Mutum, no leste de Minas Gerais, o garoto de oito anos de idade descobre a vida e o mundo, vivendo diversas aventuras ao lado do irmão caçula, Dito – algumas delas reais; outras tantas, inventadas. Parte poema (como afirma o próprio autor), parte novela, parte romance de formação, “Campo geral” surpreende, emociona e cativa o leitor há mais de meio século.



INTRODUÇÃO ▼

No ano de 1956 – mesmo ano da publicação de *Grande sertão: veredas*, uma das maiores e mais conhecidas obras da literatura brasileira –, Guimarães Rosa publicou um conjunto de sete novelas intitulado *Corpo de baile*. Na primeira edição, o livro foi publicado em dois volumes; já na segunda, foi lançado em volume único. Posteriormente, as sete novelas foram redistribuídas em três livros: *Manuelzão e Miguilim*; *No Urubuquaquá, no Pinhém*; e *Noites do sertão*.

No livro *Manuelzão e Miguilim*, ficaram duas das sete novelas originais: “Campo geral” e “Uma estória de amor”. Transitando entre os dois extremos da vida, o escritor conta, na primeira novela, a história do pequeno Miguilim, de apenas oito anos de idade, que vive com sua família no longínquo município do Mutum; na segunda novela, traz a história do velho vaqueiro Manuelzão, que, durante os preparativos para uma festa de consagração de uma capela que havia construído, defronta-se com a passagem do tempo, as inevitáveis memórias e a inexorabilidade da morte. Cabe ressaltar que o personagem foi inspirado em uma pessoa real: o mineiro Manuel Nardi, de quem Guimarães Rosa, em suas andanças pelo sertão mineiro, ouviu uma infinidade de histórias. Miguilim, ao contrário, apesar de alguns ligeiros traços inspirados na vida do próprio escritor, transita mais pelo campo ficcional.

Como é de se esperar, enquanto o universo de Manuelzão é vasto e repleto de uma gama variada de personagens, eventos e memórias – proporcional à vivência de um homem com avançada idade –, o de Miguilim é muito mais **exíguo** e restrito – condizente com a vivência de um garoto muito novo –, sendo limitado ao lugarejo onde mora e, praticamente, à própria família. Isso, no entanto, não torna a história de Miguilim desinteressante ou despropositada; pelo contrário, encontramos uma narrativa sobre um universo mágico, encantado, cheio de aventuras. Ainda que, lamentavelmente, as tristezas e adversidades do mundo adulto estejam sempre por perto, é mesmo o olhar inocente e esperançoso do jovem protagonista

que impera e que conduz o fio narrativo, mesmo a novela sendo narrada em terceira pessoa.

Mais do que preencher o mundo com certezas e afirmações, Guimarães Rosa procurou aproveitar as dúvidas, as divagações e os questionamentos humanos. É como afirma Paulo Rónai no prefácio escrito para a edição de *Manuelzão e Miguilim* utilizada nesta análise:

Inventor de abismos, o autor de Corpo de baile localiza-os em broncas almas de sertanejos, inseparavelmente ligadas à natureza ambiente, fechadas ao raciocínio, mas acessíveis a toda espécie de impulsos vagos, sonhos, premonições, crendices, vivendo a séculos de distância da nossa civilização urbana e niveladora. São almas ainda não estereotipadas pela rotina, com receptividade para o extraordinário e o milagre. O escritor enfrenta-as em geral num momento de crise, quando, acuadas pelo amor, pela doença ou pela morte, procuram desesperadamente tomar consciência de si mesmas e buscam o sentido de sua vida.

*Esses abismos inventados dão reais calafrios. No fundo deles se vislumbram os grandes medos **atávicos** do homem, sua sede de amor e seu horror à solidão, seus vãos esforços de segurar o passado e dirigir o futuro.*

Nas obras de Guimarães Rosa, tais sentimentos plasmam a mente de personagens marginais, imperfeitamente absorvidas pelo convívio social ou nada tocadas por ele: crianças, loucos, mendigos, cantadores, prostitutas, capangas, vaqueiros. Eles é que formam o corpo de baile num teatro em que não há separação entre palco e plateia.

RÓNAI, Paulo. “Rondando os segredos de Guimarães Rosa”. In: ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. 11.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.17-8.

Glossário

- **Exíguo:** adjetivo que indica pequeno, insuficiente, escasso, precário.
- **Atávico:** adjetivo que indica, de modo figurado, aquilo que é transmitido de uma geração para outra.

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram retirados da seguinte edição: ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Crianças “imperfeitamente absorvidas pelo convívio social”, como o nosso Miguilim, com vidas difíceis, esquecidas e isoladas, mas, ainda assim, cheias de sonhos e esperanças. E por que ler a história de mais uma dessas crianças “comuns”? A história da literatura brasileira está repleta delas: podem ser os netos da Dona Benta, no *Sítio do Picapau Amarelo*; o jovem neto do Coronel José Paulino, em *Menino de engenho*; os filhos sem nome de Fabiano, em *Vidas secas*, e tantos outros. O sertão também não é novidade, já estando instalado na tradição das nossas Letras desde o Romantismo, no século XIX: de José de Alencar a Graciliano Ramos, passando por muitos outros escritores, *o sertão já estava em toda parte* – aludindo, aqui, a outro célebre personagem de Guimarães Rosa: o jagunço Riobaldo, de *Grande sertão: veredas*. A novidade está no olhar inocente e mágico de um pequeno garoto que, a todo tempo, procura transformar esse sertão, por vezes cruel, em um cenário fantástico e poético.

SOBRE O AUTOR ▼

Pequena biografia do autor

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, pequena cidade de Minas Gerais, no dia 27 de junho de 1908. O primeiro dos seis filhos de Florduardo Pinto Rosa e de Francisca Guimarães Rosa mudou-se, ainda bem pequeno, para a casa dos avós, em Belo Horizonte, onde concluiu o curso primário. Frequentou por pouco tempo o curso secundário na cidade de São João del Rey, retornando a Belo Horizonte para estudar e concluir seus estudos no conceituado – e caro – Colégio Arnaldo, o que só foi possível graças ao apoio financeiro de um tio fazendeiro muito rico. Em 1925, com apenas 16 anos, já estava matriculado na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais.

Em 1930, João concluiu a graduação e partiu, então, para trabalhar em Itaguara – na época, distrito de Itaúna, estado de Minas Gerais –, onde ficou por dois anos. Foi ali que o futuro escritor começou a ter contato com pessoas, lugares e eventos do sertão, figuras essas que viriam a inspirar sua obra e a ser fundamentais para o desenvolvimento dela. Foi também em 1930 que João Guimarães Rosa se casou pela primeira vez, e da união com Lígia Cabral Pena nasceram suas duas filhas: Vilma e Agnes. Seu início na carreira das Letras havia acontecido um ano antes, em 1929, ao publicar seus primeiros contos na extinta revista *O Cruzeiro*.



JOÃO ROSA
 GUIMARÃES
 JOÃO
 GUIMARÃES
 ROSA
 ROSA
 GUIMARÃES
 GUIMARÃES



No ano de 1932, Guimarães Rosa retornou, mais uma vez, para a capital mineira. Em Belo Horizonte, ele serviu como voluntário da Força Pública durante a Revolução Constitucionalista. Tempos depois, ele viria a trabalhar na mesma Força Pública – atual Polícia Militar –, mas, então, como concursado. Foi durante a Revolução Constitucionalista, em missão na cidade de Passa Quatro, próxima ao limite entre Minas Gerais e São Paulo, que ele conheceu outro médico mineiro, o qual também viria a ser muito conhecido: o futuro presidente Juscelino Kubitschek. Depois disso, Guimarães Rosa trabalhou como oficial médico no 9º Batalhão de Infantaria, em Barbacena.

Observação:

A Revolução Constitucionalista, ou Revolução de 32, foi um movimento armado com o objetivo central de derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas – o qual tinha chegado ao poder por meio de um golpe, em 1930 – e convocar uma Assembleia Nacional Constituinte. O epicentro da Revolução aconteceu no estado de São Paulo, o que faz com que ela também seja conhecida como Revolução Paulista.



Em 1934, surge uma nova faceta do múltiplo João: ele presta concurso para o Itamaraty e é aprovado em segundo lugar, tornando-se, então, diplomata. No ano de 1938, quando começou a Segunda Guerra Mundial, ele era cônsul-adjunto na cidade de Hamburgo, na Alemanha. Foi também nesse mesmo ano que o jovem diplomata conheceu aquela que viria a ser sua segunda esposa: Aracy Moebius de Carvalho. O casal, inclusive, ajudou vários judeus a fugir dos nazistas rumo ao Brasil, tanto forjando passaportes falsos para eles quanto levando-os escondidos em carros da embaixada até os aeroportos, que seriam, talvez, a única chance de uma nova vida. Em 1942, quando o Brasil rompeu relações com o regime nazista, João Guimarães Rosa foi preso juntamente com outros brasileiros na cidade de Baden-Baden. Assim que foi libertado, seguiu para Bogotá, onde atuou como secretário da embaixada brasileira. Com o final da guerra, voltou para a Europa, estabelecendo-se em Paris entre os anos de 1946 e 1951, período em que passou a escrever com bastante frequência e em razoável quantidade.

Como já vimos, Guimarães Rosa havia começado a despontar no universo das Letras em 1929, com a publicação de seus contos na revista *O Cruzeiro*, intitulados “Caçador de camurças”, “Chronos Kai Anagke”, “O mistério de Highmore Hall” e “Makiné”. Após isso, o escritor mineiro



publicou, em 1936, uma coletânea de poemas intitulada *Magma* (seu único livro nesse gênero), que foi premiada pela Academia Brasileira de Letras. No ano seguinte, surgiu a obra *Contos*, a qual viria a ser republicada anos mais tarde, após acréscimos, cortes, ajustes e reparos, com o nome de *Sagarana*.

Foi *Sagarana* que, depois de um longo hiato de 10 anos, revelou a face mais conhecida de João Guimarães Rosa: nascia o prosador do sertão mineiro, cheio de superstições, maneirismos e vocábulos regionalistas; um homem de outra época, de outro lugar, mas sem deixar de ser, paradoxalmente, universal e atemporal, como veremos a seguir. Cabe lembrar que as narrativas sertanejas do escritor nasciam de sua própria experiência. Ele acompanhou diversas caravanas de tropeiros pelo interior de Minas Gerais e, lá, foi conhecendo pessoas, lugares, falas, olhares e sabores. Entretanto, não é como se a sua obra tivesse se tornado, então, um diário. Nada disso. Sua imaginação fértil e seu talento ímpar vão muito além do mero relato, mas não se pode negar que a raiz das suas viagens está presente na gênese das suas narrativas.

Outro dado marcante na construção de suas obras era o seu profundo conhecimento linguístico. Guimarães Rosa falava com fluência alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, holandês e esperanto – um pouco de russo e, evidentemente, português. Ainda lia e compreendia razoavelmente húngaro, árabe, sânscrito, lituano, polonês, dinamarquês, finlandês, tupi, hebraico, japonês e tcheco, além de ter estudado um pouco de várias outras línguas. Nesse contexto, um fato salta aos olhos: a maior parte de todo esse conhecimento foi adquirido pelo mais curioso e disciplinado autodidatismo, ou seja, o escritor aprendeu praticamente tudo isso sozinho. Ele próprio afirmou, em diversas entrevistas e conversas, que acreditava que a compreensão do mecanismo e da estrutura de outras línguas ajudava-o a entender, cada vez mais e de melhor maneira, a língua portuguesa. Tal entendimento foi vital na criação de uma das marcas

mais conhecidas de sua obra: seus famosos e curiosos – por vezes, intrincados – neologismos.

Talvez o ano de 1956 seja o centro da produção literária de João Guimarães Rosa. Nesse ano, deu-se a publicação do já citado conjunto de novelas *Corpo de baile* e também daquela que é considerada a obra-prima do escritor, *Grande sertão: veredas*. A história do jagunço-filósofo Riobaldo, do seu amor proibido por Diadorim e do diabo que vive dentro de cada um de nós perturba, seduz e atrai uma legião de apaixonados leitores até os dias atuais, criando, na literatura brasileira, um novo estilo de escrita literária: o “roseano”.

Após *Grande sertão: veredas*, o escritor ainda lançou vários livros de contos, antes de ser eleito por unanimidade para a Academia Brasileira de Letras, em 1963. Fosse por sua formação extremante vinculada ao misticismo e à religiosidade do interior do Brasil, fosse por uma certa indisposição “premonitória”, o fato é que Guimarães Rosa adiou a posse na ABL por quatro anos. Ele sempre falava no receio de ser tomado por uma forte emoção e de ser perigosamente abalado por ela na posse.

Enfim, em 16 de novembro de 1967 e recebido por Afonso Arinos de Melo Franco, o escritor mineiro assumiu seu lugar na cadeira de número 2, ocupada primeiramente pelo escritor multifacetado Coelho Neto e cujo patrono era o poeta ultrarromântico Álvares de Azevedo, sucedendo a João Neves da Fontoura. Três dias depois, com apenas 59 anos, João Guimarães Rosa morreu de infarto. Saía de cena o pai de Riobaldo, Diadorim, Hermógenes, Miguilim, Manuelzão, Augusto Matraga e tantos outros. No entanto, como ele próprio afirmou no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras: “[...] a gente morre é para provar que viveu” e “As pessoas não morrem, ficam encantadas”. Foi Carlos Drummond de Andrade que captou, em um poema escrito em homenagem ao genial conterrâneo – publicado no jornal *Correio da Manhã* no dia 22 de novembro de 1967 –, todo esse encantamento:

Um chamado João

João era fabulista?
fabuloso?
fábula?
Sertão místico disparando
no exílio da linguagem comum?

Projetava na gravatinha
a quinta face das coisas
inenarrável narrada?
Um estranho chamado João
para disfarçar, para farçar
o que não ousamos compreender?

Tinha pastos, buritis plantados
no apartamento?
no peito?
Vegetal ele era ou passarinho
sob a robusta ossatura com pinta
de boi risonho?

Era um teatro
e todos os artistas
no mesmo papel
ciranda multívoca?

João era tudo?
tudo escondido, florindo
como flor é flor, mesmo não semeada?
Mapa com acidentes
deslizando para fora, falando?
Guardava rios no bolso
cada qual em sua cor de água
sem misturar, sem conflitar?
E de cada gota redigia
nome, curva, fim,
e no destinado geral
seu fado era saber
para contar sem desnudar
o que não deve ser desnudado
e por isso se veste de véus novos?

Mágico sem apetrechos,
civilmente mágico, apelador
de precípiques prodígios acudindo
a chamado geral?
Embaixador do reino
que há por trás dos reinos,
dos poderes, das
supostas fórmulas
do abracadabra, sésamo?
Reino cercado
não de muros, chaves, códigos,
mas o reino-reino?

Por que João sorria
se lhe perguntavam
que mistério é esse?
E propondo desenhos figurava
menos a resposta que
outra questão ao perguntante?

Tinha parte com... (sei lá
o nome) ou ele mesmo era
a parte de gente
servindo de ponte
entre o sub e o sobre
que se arcabuzeiam
de antes do princípio,
que se entrelaçam
para melhor guerra,
para maior festa?

Ficamos sem saber o que era João
e se João existiu
de se pegar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. "Um chamado João". In: ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. 11.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.14-6.



O autor e seu período

Guimarães Rosa produziu suas obras, notadamente, no período a que se convencionou chamar terceira fase do Modernismo ou, em denominação mais atual, Pós-Modernismo, que se inicia em 1945. Apesar de ele ter escrito *Magma* em 1936 e *Contos* – a “prévia” de *Sagarana* – em 1937, a parte mais densa e conhecida de sua obra só veio mesmo a público após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Não à toa, o historiador britânico Eric Hobsbawm intitulou o século XX como a “Era dos Extremos”. Para ele, o período que vai de 1914 – início da Primeira Guerra Mundial – até 1991 – queda da União Soviética – marca a época mais extremada, contrastante e cheia de incertezas da história humana. O que começou com a promessa de um tempo maravilhoso para a humanidade, com o avanço da ciência e o auge da *Belle Époque*, logo entrou em crise e viu a detonação da Primeira Guerra, um conflito que ceifou a vida de aproximadamente dez milhões de pessoas. Apenas vinte anos após o encerramento desse gigantesco evento, a humanidade deu início à Segunda Guerra Mundial, em 1938, em um megaconfronto que se estendeu até 1945 e tirou a vida de mais de quarenta milhões de pessoas. Tal guerra se encerrou oficialmente apenas quando, nos dias 6 e 9 de agosto desse ano, os Estados Unidos lançaram duas bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão.

A humanidade encontrava-se em uma encruzilhada e, embora tivesse sido disseminada a ideia de que pudéssemos ter ultrapassado os limites, o mundo mergulhou em um período difícil mais uma vez: os Estados Unidos e a União Soviética “repartiram” o mundo em dois grandes blocos antagônicos, e o pior esteve bem perto de acontecer. Assim, em várias disputas bélicas ocorridas na segunda metade do século XX, sempre uma das duas poderosas nações esteve envolvida de alguma forma. Felizmente, os dois países nunca se colocaram diretamente em nenhuma guerra. No entanto, o conflito ideológico era a tônica de então; o bloco capitalista, em torno dos Estados Unidos, e o bloco socialista, em torno da União Soviética, disputavam aliados, mentes e protagonismos nas narrativas – em suma, lutavam por uma espécie de hegemonia cultural.

Observação:

Belle Époque é um período que vai do fim do século XIX até o início do século XX, chegando até a Primeira Guerra Mundial. Esse período foi marcado por uma intensa atividade cultural (com o desenvolvimento e a transformação das artes), por um pensamento refinado e cosmopolita e pelo advento de novas correntes de pensamento e, inclusive, de novos modos de vida.

Observação:

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ou, simplesmente, União Soviética) era a reunião de 15 repúblicas – sendo a Rússia a mais poderosa de todas elas – em torno de um governo central. Sua fundação se deu com a Revolução de 1917, e a União Soviética durou até 1991, quando as repúblicas voltaram a ser independentes. Enquanto existiu, ela foi a líder de um grande bloco socialista, que funcionou como contraponto estratégico, político e ideológico ao bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos da América.



No Brasil, especificamente, o cenário não era menos conturbado. A recente nação, com independência declarada há menos de cem anos, entrou no século XX cheia de dilemas e problemas. O país eminentemente agrícola, aos poucos, industrializava-se. No entanto, a estrutura arcaica, patriarcal, coronelista e corrupta mantinha-se intacta em sua maior parte. Os mais diversos conflitos políticos, sociais e agrários continuaram a eclodir por todo lado, e a desigualdade econômica crescia cada vez mais.

O auge dessas tensões se deu com dois grandes golpes, seguidos por longos períodos ditatoriais. Em 1930, para dar fim à República do Café com Leite, Getúlio Vargas chegou ao poder, comandando uma aliança que depôs o presidente Washington Luís e veio a formar o então Governo Provisório. Até 1934, Vargas governou nessas condições, quando, após a aprovação de uma nova constituição e a sua eleição pela Assembleia Constituinte, ele passou a ser, oficialmente, o presidente da república, governando em conjunto com um poder legislativo democraticamente eleito e com mandato até o ano de 1938. Porém, em 1937, o presidente impôs uma nova constituição, dissolveu o Congresso, instituiu a censura e assumiu para si, autoritariamente, todos os poderes, dando início ao período ditatorial do Estado Novo, que perdurou até 1945.

Após um curto período democrático, em 1964 houve um novo golpe. Em manobra iniciada no dia 31 de março daquele ano, uma aliança entre civis e militares depôs o presidente João Goulart e levou ao cargo de mandatário da nação o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, que deveria ocupar essa posição até o ano seguinte, quando ocorreriam eleições diretas para a escolha do sucessor de João Goulart. No entanto, como sabemos, não foi isso o que ocorreu e, mais uma vez, houve censura, Congresso fechado, prisões, atos institucionais etc.

É nesse contexto conflituoso e extremado que se enquadra a obra de Guimarães Rosa. Ela retrata as tensões no campo de forma extremamente marcante, opondo jagunços, cangaceiros, feiticeiros, coronéis, fanáticos religiosos, enfim, gente de todo tipo,

índole e intenção. É evidente que as suas andanças pelo sertão mineiro o fizeram ver o melhor e o pior dessas pessoas, dando aos seus personagens uma substância real e palpável, baseada na vivência e na experiência de escritor-andarilho.

Por outro lado, surge a questão da relação entre o escritor mineiro e o regime militar instalado em 1964. Em novembro de 2019, a poeta norte-americana Elizabeth Bishop foi anunciada como a escritora homenageada para a 18ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), o que levou a uma série de críticas devido ao apoio inicial da poeta à ditadura militar. Em resposta, a curadora do evento Fernanda Diamant argumentou que Manuel Bandeira e Guimarães Rosa também teriam apoiado o regime e questionou se isso seria um fator impeditivo de uma possível homenagem para ambos.

O caso de Guimarães Rosa, no entanto, deve ser examinado com bastante cuidado. É verdade que ele, em 1967, quando era vice-presidente do Congresso de Escritores Latino-Americanos, retirou-se de uma reunião em que escritores cubanos e panamenhos levantaram fortes críticas à ação norte-americana no Vietnã. Contudo, a posição do escritor tinha muito mais relação com uma discordância em relação ao envolvimento da literatura com o cenário político internacional que com um claro gesto de apoio ao governo dos Estados Unidos. Cabe lembrar que Guimarães Rosa também fez parte do Conselho Federal de Cultura, órgão criado durante o governo de Castelo Branco e do qual faziam parte, juntamente com o escritor mineiro, Rachel de Queiroz, Josué Montello, Ariano Suassuna, entre outros intelectuais. Entretanto, foi nesse mesmo Conselho que João Guimarães Rosa se opôs publicamente a atos de censura contra os filmes *Cara a Cara*, de Júlio Bressane, e *Terra em transe*, de Gláuber Rocha, gesto que, inclusive, foi seguido por unanimidade pelos outros membros do Conselho Federal de Cultura.

Além disso, é válido relembrar o ato heroico de Rosa e de sua esposa Aracy no apoio à fuga de judeus para o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, atitude que não parece condizente com alguém que estivesse apoiando atos autoritários e ditatoriais. A ideia aqui não

é disfarçar eventuais erros do homem João Guimarães Rosa. Não faltam exemplos de grandes artistas que, ao menos por um tempo, alinharam-se com as mais abjetas ações e ideologias políticas. O que se pretende é apenas tentar compreender o passado com suas inúmeras nuances e complexidades, sem lançar mão dele para previamente interpretar, ao gosto de cada um, suas próprias narrativas.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras do autor

Poesia

- *Magma* (1936)

Romance

- *Grande Sertão: Veredas* (1956)

Contos

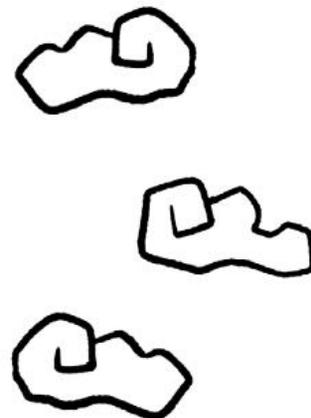
- *Sagarana* (1946)
- *Primeiras Estórias* (1962)
- *Tutameia – Terceiras Estórias* (1967)
- *Estas Estórias* (1969) – póstumo
- *Antes das Primeiras Estórias* (2011) – póstumo

Novelas

- *Corpo de baile* (1956)

Outros

- *Ave, Palavra* (1970) – póstumo



Observação:

O livro *Ave, Palavra* é um conjunto variado de diversos textos de Guimarães Rosa. Dele, fazem parte contos, poemas, notas de viagens, diário, reportagens poéticas e meditações. Já o livro *Antes das Primeiras Estórias* reúne os quatro contos que haviam sido publicados na revista *O Cruzeiro*, em 1930. Tais textos não foram publicados em livro anteriormente por decisão do próprio Guimarães Rosa, que os desconsiderava e dizia que não valiam nada. São narrativas de suspense, horror e fantasia, claramente influenciadas pelo gênio romântico de Edgar Allan Poe.

Aspectos gerais da produção literária do autor

Seria Guimarães Rosa um escritor regionalista – mais um do imenso conjunto que vai de José de Alencar a Graciliano Ramos, passando por Euclides da Cunha e tantos outros? Ou foi um fabulista que, mergulhado no sertão mineiro, criou e recriou todo um universo mágico e misterioso, alicerçado em narrativas populares? Ou, ainda, teria ele sido um poeta fora do lugar, um artista dos versos em meio à prosa complexa e refinada de um prosador conhecedor e amante da linguagem e de suas múltiplas facetas? A resposta mais próxima da verdade talvez seja: ele foi de tudo um pouco.

Uma das características fundamentais da obra de Guimarães Rosa é o super-regionalismo. Tal termo, cunhado pelo crítico Antônio Candido, indica o escritor mineiro como alguém que avança em relação à linha regionalista, que deixou marcas profundas na literatura brasileira, desde o Romantismo

até o Modernismo. Aqui, não se está estabelecendo qualquer tipo de juízo de valor: a ideia de Candido – à qual aderimos – é apontar para um “ir além do sertão” na obra de Guimarães Rosa.

Explicando de outra maneira: no início do século XIX, o Brasil tornou-se independente. Na época, o Romantismo chegava ao país de mãos dadas com o projeto independentista. Assim, os românticos tornavam-se – ou pretendiam tornar-se – os primeiros artistas genuinamente nacionais a representar o jovem país. Dessa forma, o nacionalismo tomou conta dos escritores, tanto prosadores quanto poetas, que procuraram construir tais representações com uma paixão ufanista inigualável pelo Brasil e por seu povo – ainda que tudo se desenhasse com um traço altamente idealizado.

Foi nessa mesma linha que o regionalismo se instalou no Brasil e, como uma tendência muito forte, jamais desapareceu, sendo visto em nosso universo literário até atualmente. Entretanto, em vez de tentarem compreender o imenso e heterogêneo território como algo único, alguns escritores da época enveredaram por outros caminhos, observando e reconstruindo literariamente as distintas regiões do país, longínquas e desconhecidas. Abriam-se as portas do Brasil que ninguém conhecia; assim, surgiram *O gaúcho* e *O sertanejo*, de José de Alencar; *O cabeleira*, de Franklin Távora; *Inocência*, de Visconde de Taunay, entre tantos outros. Já no século XX, durante o período de transição conhecido como Pré-Modernismo, Euclides da Cunha publicava seu monumental romance-reportagem *Os sertões*. Com o Modernismo notadamente na sua segunda fase, surgiu a mais variada gama de obras regionalistas que se via até então: além dos renomados *Vidas secas* e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, eram publicados *O quinze*, de Rachel de Queiroz; *Menino de engenho* e *Fogo morto*, de José Lins do Rego; sem falar em todo o retrato vivo e colorido da Bahia, na obra de Jorge Amado, e na épica trilogia *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. Isso tudo para ficarmos apenas em alguns poucos livros regionalistas, frutos de uma tendência que, como já dissemos, perdura até hoje nas letras brasileiras.

O que difere Guimarães Rosa desses outros autores regionalistas é que suas obras “vão além do sertão”. Em outras palavras, as histórias de Fabiano, de Antônio Conselheiro, do capitão Rodrigo Camará, do coronel José Paulino, entre outros, dependem do âmbito regional e estão ligadas a ele de forma intrínseca. Já Riobaldo, Hermógenes, Diadorim, Miguilim, Manuelzão, Augusto Matraga e tantos outros personagens da galeria de João Guimarães Rosa extrapolam e ultrapassam os limites do sertão mineiro. Não são histórias de retirantes que buscam por uma vida decente em suas constantes migrações nem de um longínquo e isolado povoado tomado por uma força messiânica no território baiano. São, sim, relatos de um jagunço que tenta compreender o que se passou em sua vida, diante dos dilemas do amor e do ódio; é a filosófica narrativa sobre um homem que entra em um barco e navega, indefinidamente, em busca do sentido da vida (conto “A terceira margem do rio”); é a parábola sobre a valorização da experiência e da sabedoria (conto “O burrinho pedrês”), além de diversas outras histórias que permeiam os dramas universais e os dilemas existenciais humanos. É como afirma Riobaldo, várias vezes, durante *Grande sertão: veredas*: “O sertão é do tamanho do mundo” e “O sertão está em toda parte”.

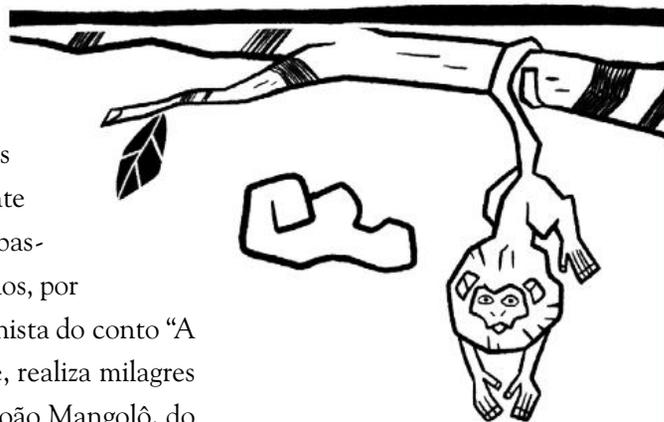
Ainda, não se pode abordar a obra de Guimarães Rosa sem levar em conta sua proximidade com o realismo mágico que fez tanto sucesso em terras latino-americanas, embora não muito no Brasil – com exceção do genial contista Murilo Rubião. O estilo que marcou as obras, entre outros, do colombiano Gabriel García Márquez, do argentino Julio Cortázar, do cubano Alejo Carpentier e do mexicano Carlos Fuentes é o resultado da fusão entre a realidade e um universo mágico, sem que isso, no entanto, cause qualquer sobressalto no leitor. Elementos estranhos, bizarros e irrealistas são apresentados como algo comum, habitual e sem qualquer explicação. Na obra mais conhecida do período, *Cem anos de solidão*, de García Márquez, por exemplo, personagens centenários parecem imortais e vigorosos; chuvas começam de forma inesperada e duram anos sem interrupções; todas as pessoas de

determinada localidade perdem a memória; espíritos vingativos acompanham e perturbam o sossego dos vivos, e tudo isso transcorre da forma mais corriqueira. É importante destacar que não se propõe, aqui, filiar Guimarães Rosa ao movimento do realismo mágico, mas é interessante demonstrar como a obra do escritor mineiro conversa bastante com algumas das características desse estilo. Podemos, por exemplo, lembrar-nos da pequena Nhinhinha, a protagonista do conto “A menina de lá”, que, do alto de seus quatro anos de idade, realiza milagres como se fossem inocentes brincadeiras; ou do feiticeiro João Mangolô, do conto “São Marcos”; ou do caçador de onças que, aos poucos, transforma-se em uma de suas antigas inimigas, no conto “Meu tio o Iauaretê”.

Uma característica fundamental da obra do escritor mineiro é o intenso trabalho com a linguagem – aliás, essa é uma marca muito forte do período pós-moderno. Guimarães Rosa faz uma mescla de vocábulos regionalistas, arcaísmos, hibridismos e os já citados neologismos. Toda essa mistura, que, em um primeiro momento, pode até não fazer sentido, cria uma atmosfera única em um universo prontamente associado ao escritor mineiro. Não há nada sequer próximo na literatura brasileira e, mesmo na literatura de todo o Ocidente, é evento raro, sendo o caso mais parecido o do irlandês James Joyce, autor de *Ulisses* e *Finnegans Wake*.

Vejamos, por exemplo, o caso do personagem Moimechego, da novela *Cara-de-bronze*. Brincando com diversos significantes da palavra “eu” em diferentes línguas, Guimarães Rosa nomeia uma figura bastante multifacetada: assim, surge o “moi” (francês), “me” (inglês ou português), “che” (guarani) – ou, em outra análise, o “ch” relaciona-se ao “ich”, do alemão – e “ego” (latim). Vê-se, então, que a riqueza da linguagem utilizada por Guimarães Rosa, a qual está ligada ao seu vasto conhecimento em diversas línguas, evidencia-se por seu dinamismo, sua multiplicidade e, principalmente, sua comunicabilidade, não por uma eventual e improvável exatidão.

Nada no universo de Guimarães Rosa é aleatório ou casual. Assim, surge Riobaldo (“rio + aquele que governa”), o personagem que fez tudo o que foi possível para ser chefe de um bando de jagunços e que, aposentado, tenta compreender o sentido da vida – em uma metáfora com a ideia de rio, tão recorrente na obra do escritor mineiro e que apareceria com mais força no já citado “A terceira margem do rio”. Assim, surge Hermógenes, isto é, filho do deus grego Hermes, deus dos ladrões e da velocidade, além de ser o guia das almas dos mortos para o submundo, o reino de Hades. E Manuelzão e Miguilim? A explicação é bem mais simples: um homem feito, já sexagenário, cheio de experiência de vida recebe um aumentativo em seu nome, sendo, portanto, Manuelzão. Já o pequeno garoto de oito anos de idade recebe um diminutivo, chamando-se Miguilim (semelhante a Miguilinho).



Aspectos gerais da obra analisada

Guimarães Rosa traz para nós, na novela “Campo geral”, a história do pequeno Miguilim, um garoto de oito anos que vive no distante município do Mutum, em Minas Gerais, quase no limite com o Espírito Santo. Ele mora com sua família, composta de seus pais e seus irmãos, o Tio Terêz – irmão do pai – e a tia-avó materna, a quem chama de “Vovó Izidra”, além de três agregadas importantes no contexto da narrativa: a empregada Maria Pretinha, a cozinheira Rosa e a velha Maitina, que bebia muito e era acusada de ser feiticeira. Há também dois vaqueiros compondo o grupo de personagens com destaque na história: Jé e Saluz.

Quando completou sete anos, Miguilim foi levado pelo Tio Terêz para ser crismado no Sucuriju, um lugarejo distante do Mutum. O garoto, então, começa a sentir muitas saudades do lar, pois era a primeira vez que saía de casa e do seio da família. Na viagem, alguém que já tinha estado no Mutum comentou com ele: “É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre”. Miguilim ficou muito feliz com o que ouviu e, imediatamente, lembrou-se da mãe – que frequentemente reclamava do lugar e, sobretudo, da chuarada por lá. Então, pensou que, assim que chegasse a sua casa, daria a ela a boa notícia, tentando de alguma

forma animá-la. Tal passagem mostra como Miguilim é extremamente ligado à família. Na pressa de dar a boa notícia à mãe, Miguilim não dá atenção ao pai, o que o desagrada e, por isso, ele coloca o menino de castigo. Pai e filho têm problemas para relacionar-se, sendo esse um ponto importante na narrativa.

Outra característica marcante do pequeno Miguilim aparece assim que ele retorna. Seus irmãos, que tinham ficado no Mutum, pedem-lhe presentes. Ele só tinha um recorte de jornal nos bolsos, sobre o qual inventou ser um santinho dado pelo bispo, entregando-o a uma de suas irmãs, a Chica. Para os outros, não havia nada, então, entra em cena o Miguilim imaginativo e fabulista:

Mas Miguilim não tinha mais nada. Punha a mãozinha na algibeira: só encontrava um pedaço de barbante e as bolinhas de resina de almêcega, que unvara da casca da árvore, beira de um ribeirão.

— Estava tudo num embrulho, muitas coisas... Caíu dentro do corgo, a água fundou... Dentro do corgo tinha um jacaré, grande...



— Mentira. Você mente, você vai para o inferno! — dizia Drelina, a mais velha, que nada pedira e tinha ficado de parte.

— Não vou, eu já fui crismado. Vocês não estão crismados!

O pequeno Miguilim também era muito leal e valente. Em certa oportunidade, o seu irmão mais novo, Dito – de quem ele gostava muito – avisa-o que o pai está batendo na mãe. O garoto não hesita em defendê-la, mas sofre as consequências disso:

— Pai está brigando com Mãe. Está xingando ofensa, muito, muito. Estou com medo, ele queria dar em Mamãe...

Era o Dito, tirando-o por um braço. O Dito era menor mas sabia o sério, pensava ligeiro as coisas, Deus tinha dado a ele todo juízo. E gostava, muito, de Miguilim. Quando foi a estória da Cuca, o Dito um dia perguntou: — “Quem sabe é pecado a gente ter saudade de cachorro?...” O Dito queria que ele não chorasse mais por Pingo-de-Ouro, porque sempre que ele chorava o Dito também pegava vontade de chorar junto.

— Eu acho, Pai quer que Mãe converse mais nunca com o tio Terêz... Mãe está soluçando em pranto, demais da conta.

Miguilim entendeu tudo tão depressa, que custou para entender. Arregalava um sofrimento. O Dito se assustou: — “Vamos na beira do rego, a ver os patinhos nadando...” — acrescentava. Queria arrastar Miguilim.

— Não, não... Não pode bater em Mamãe, não pode... Miguilim brotou em choros. Chorava alto. De repente, rompeu para a casa. Dito não o conseguia segurar.

Diante do pai, que se irava feito um fero, Miguilim não pode falar nada, tremia e soluçava; e correu para a mãe, que estava ajoelhada encostada na mesa, as mãos tapando o rosto. Com ela se abraçou. Mas dali já o arrancava o pai, batendo nele, bramando. Miguilim nem gritava, só procurava proteger a cara e as orelhas; o pai tirava o cinto e com ele golpeava-lhe as pernas, que ardiavam, doíam como queimaduras quantas, Miguilim sapateando. Quando pôde respirar, estava posto sentado no tamborete, de castigo. E tremia, inteirinho o corpo. O pai pegara o chapéu e saíra.



Essa passagem aponta para dois eventos muito importantes da narrativa: o caso amoroso envolvendo o Tio Terêz e a cunhada, Nhanina (mãe de Miguilim), e a relação de amizade e confiança entre os irmãos Miguilim e Dito. Depois de todo o ocorrido, a vovó Izidra expulsa o Tio Terêz de casa, acusando-o de ser um “Caim’ que matou Abel”. Após uma longa noite de chuva, Nhô Berno (pai de Miguilim) retorna para casa – havia passado toda a noite fora depois da confusão – e, então, Dito ouve estranhas conversas entre os adultos; Miguilim, contudo, nem queria saber delas:

Miguilim não tinha vontade de crescer, de ser pessoa grande, a conversa das pessoas grandes era sempre as mesmas coisas secas, com aquela necessidade de ser brutas, coisas assustadas.

A partir disso, surge na casa da família o seo Deográcias, que vem cobrar uma dívida antiga e, como era o curandeiro da região, receita ervas e chás para o pequeno Miguilim por achá-lo muito frágil, magro e fraco. O menino, então, cisma que vai morrer de tuberculose e faz uma “aposta” com Deus: se ele durasse os dez dias seguintes, não morreria mais. Os primeiros dias até que se passam sem grandes sobressaltos e preocupações. No nono dia, no entanto, o menino começa a ficar um tanto assustado e, no décimo, não sai mais da cama, decidido a esperar pela chegada da morte. Dito, então, resolve pedir ajuda a seo Aristeu, um vaqueiro bastante persuasivo, que acaba convencendo Miguilim de que aquilo tudo era uma bobagem e de que ele não iria morrer:

Seo Aristeu entrava, alto, alegre, alto, falando alto, era um homem grande, desusado de bonito, mesmo sendo roceiro assim; e doido, mesmo. Se rindo com todos, fazendo engraçadas vênias de dançador.

— “Vamos ver o que é que o menino tem, vamos ver o que é que o menino tem?!... Ei e ei, Miguilim, você chora assim, assim — p’ra cá você ri, p’ra mim!...” *Aquele homem parecia desinventado de uma estória.* — “O menino tem nariz, tem boca, tem aqui, tem umbigo, tem umbigo só...” — “Ele sara, seo Aristeo?” — “... Se não se tosar a crina

do poldrinho novo, pescoço do poldrinho não engrossa. Se não cortar as presas do leitãozinho, leitãozinho não mama direito... Se não esconder bem pombinha do menino, pombinha voa às aluadas... Miguilim — bom de tudo é que tu ‘tá: levanta, ligeiro e são, Miguilim...”

— *Eu ainda pode ser que vou morrer, seo Aristeu...*

— *Se daqui a uns setenta anos! Sucede como eu, que também uma vez já morri: morri sim, mas acho que foi morte de ida-e-volta... Te segura e pula, Miguilim, levanta já!*

Miguilim, dividido de tudo, se levantava mesmo, de repente são, não ia morrer mais, enquanto seo Aristeu não quisesse. Todo ria. Tremia de alegrias.

Com a “recuperação” do nosso pequeno herói, Nhô Berno fica tão feliz que o incumbiu de uma tarefa: todos os dias, o menino passaria a levar a comida para o pai na roça. Fato é que tal trabalho acabou aumentando a proximidade entre pai e filho, e Miguilim acabou descobrindo que, ainda que fosse de um jeito diferente, Nhô Berno gostava dele. Porém, retornando da primeira vez em que cumpria tal tarefa, Miguilim é interpelado pelo Tio Terêz que, escondido de tudo e de todos, dá ao menino um bilhete e pede que ele o entregue à sua mãe. Miguilim, então, cai em um tremendo dilema existencial: deveria ou não entregar o bilhete à Nhanina?

[...] Mas não podia contar nada a ninguém, nem ao Dito, para Tio Terêz tinha jurado. Nem ao Dito! Custava não ter o poder de dizer, chega desnorreava, até a cabeça da gente doía. Mas não podia entregar o bilhete à Mãe, “nem passar palavra a ela, aquilo não podia, era pecado, era judiação com o Pai, nem não estava correto. Alguém podia matar alguém, sair briga medonha, Vovó Izidra tinha agourado aquelas coisas, ajoelhada diante do oratório — do demônio, de Caim e Abel, de sangue de homem derramado.

Não falava. Rasgava o bilhete, jogava os pedacinhos dentro do rego, rasgava miúdo. E Tio Terêz? Ele tinha prometido ao Tio Terêz, então não podia rasgar. Podia estar escrito coisa importante exata, no bilhete, o bilhete não era dele. E Tio Terêz estava esperando lá, no outro dia, saindo de detrás das árvores. Tio Terêz tinha falado feito numa estória:

— “...amigos de todo guerrear, Miguilim, e de não sujeitar as armas?!...” Então, então, não ia, no outro dia, não ia levar a comida do Pai na roça, falava que estava doente, não ia...

Miguilim decide não entregar o bilhete e, no dia seguinte, chorando muito, confessa ao tio a decisão, que acaba compreendendo-o e perdoadando-o.

Uma sucessão de eventos ruins acomete o círculo de Miguilim, como o cachorro da família, Julim, ter sido morto por um tamanduá, a tristeza do pai pela morte do cachorro, a picada que Tomezinho (um dos irmãos de Miguilim) leva de um marimbondo, o golpe que Miguilim leva na mão pelo touro Rio-Negro, entre outros:

Mas vem um tempo em que, de vez, vira a virar só tudo de ruim, a gente paga os prazos. Quem disse foi o vaqueiro Salúz, que não se esquecia da estória do Patorí, e também perdeu um pé de esporá no campeio, e Siarlinda achou um dinheiro que ele tinha escondido dela em buraco no alto da parede, e ele estava com dois dentes muito doendo sempre, disse que hemorroida era aquilo. Depois o Dito aprovou que o tempo-do-ruim era mesmo verdade, quando no dia-de-domingo tamanduá estraçalhou o cachorro Julim. Notícia tão triste, a gente não acreditava, mas Pai trouxe para se enterrar o Julim morto, dependurado no cavalo, ninguém que via não esbarrava de chorar. [...] Aquele dia, Pai adoeceu de pena.

[...]

Marimbondo ferrou Tomezinho, que danou chorou, Vovó Izdra levou Tomezinho na horta, no luar ofendido espremeu João-leite, aquele leite azulado, que muito sarava. [...] Pior foi que o Rio-Negro estava do outro lado da cerca, lambendo sal no cocho, e Miguilim quis passar mão, na testa dele, alisar, fazer festas. O touro tinha só todo desentendimento naquela cabeça preta — deu uma levantada, espancando, Miguilim gritou de dor, parecia que tinham quebrado os ossos da mão dele.

Esse episódio com o touro desencadeia um conflito entre os irmãos Dito e Miguilim: este, nervoso com a situação, bate em Dito, que não revida. Envergonhado



(chegou, inclusive, a colocar-se de castigo no tamborete), Miguilim não consegue enfrentar o irmão e pedir-lhe desculpas. Dito, então, tenta se aproximar do irmão mais velho e, assim, ambos chegam à conclusão de que, além de irmãos, serão para sempre melhores amigos:

Não achava coragem pronta para frentear o Dito, pedir perdão — podia que tão ligeiro o Dito não perdoasse. E então Miguilim foi andando — a mão que o Rio-Negro machucou nem não doía mais — e Miguilim veio se sentar no tamborete, que era o de menino de-castigo. A vergonha que sentia era assim como se ele tivesse sobrado de repente ruim leve demais, a modo que todo esvaziado, carecia de esperar muito tempo, quieto, muito sozinho, até o corpo, a cabeça se encher de peso firme outra vez; mais não podia. Aquele castigo dado-por-si decerto era a única coisa que valia.

Com algum tempo, mais não aguentava: ia porque ia, procurar o Dito! Mas o Dito já vinha vindo. — “Miguilim, a gente vai trepar no pé-de-fruta...” O Dito nem queria falar na briga. [...] — “Dito, você não guarda raiva de mim, que eu fiz?” — “Você fez sem por querer, só por causa da dor que estava doendo...” O Dito fungava no nariz, ele estava sempre endefluxado. Falava: — “Mais, se você tornar a fazer, eu dou em você, de ponta-pé, eu jogo pedrada!...” [...] — “Dito, a gente vai ser sempre amigos, os mais de todos, você quer?” — “Demais, Miguilim. Eu já falei.”

Dito, apesar de mais novo que Miguilim, era considerado por este um sábio, a quem sempre recorria e escutava o que tinha a dizer.

No dia seguinte à briga, Dito resolve espiar uma coruja que fazia ninho dentro de um cupinzeiro, mas Miguilim não o acompanha por considerar aquele local muito perigoso. Quando Dito retorna, diz a Miguilim que

a coruja repetia seu nome: “Dito! Dito!”. O protagonista interpreta isso como um mau agouro e pede ao irmão que nunca mais volte lá. No entanto, logo em seguida, acontece a maior tragédia da narrativa e evento crucial para uma mudança na vida de Miguilim: enquanto as crianças procuravam o mico-estrela da família que havia fugido, Dito fura seu pé em um “caco de pote” e acaba contraindo tétano. Após longo sofrimento, a doença leva o irmão e melhor amigo de Miguilim à morte. Esse, certamente, é o momento mais triste e tocante do livro:

[...] O Dito gemia de mais dor, com os olhos fechados. — “Espera um pouco, Miguilim, eu quero escutar o berro dessas vacas...” Que estava berrando era a vaca Acabrita. A vaca Dabradiça. A vaca Atucã. O berro comprido, de chamar o bezerro. — “Miguilim, eu sempre tinha vontade de ser um fazendeiro muito bom, fazenda grande, tudo roça, tudo pastos, cheios de gado...” — “Mas você vai ser, Dito! Vai ter tudo...” O Dito olhava triste, sem desprezo, do jeito que a gente olha triste num espelho. — “Mas depois tudo quanto há cansa, no fim tudo cansa...” Miguilim discorreu que amanhã Vovó Izidra ia pôr o Menino Jesus na manjedoura. [...] — “Mas

depois tudo cansa, Miguilim, tudo cansa...” E o Dito dormia sem adormecer, ficava dormindo mesmo gemendo.

Então, de repente, o Dito estava pior, foi aquela confusão de todos, quem não rezava chorava, todo mundo queria ajudar. Luisaltino tornou a selar cavalo, ia tocar de galope, para buscar seu Aristeu, seu Deográcias, trazer remédio de botica. Pai não ia trabalhar na roça, mais no meio dali resistia, com os olhos avermelhados. O Dito às vezes estava zarelho, sentido gritava alto com a dor-de-cabeça, sempre explicavam que a febre dele era mais forte, depois ele falava coisas variando, vomitava, não podia padecer luz nenhuma, e ficava dormindo fundo, só no meio do dormir dava um grito repetido, feio, sem acordo de si. Miguilim desentendia de tudo, tonto, tonto. Ele chorou em todas as partes da casa.

E por fim...

A reza não esbarrava. Uma hora o Dito chamou Miguilim, queria ficar com Miguilim sozinho. Quase que ele não podia mais falar. — “Miguilim, e você não contou a estória da Cuca Pingo-de-Ouro...” — “Mas eu não posso, Dito, mesmo não posso! Eu gosto demais dela, estes dias



todos...” Como é que podia inventar a estória? Miguilim soluçava. — “Faz mal não, Miguilim, mesmo ceguinha mesmo, ela há de me reconhecer...” — “No Céu, Dito? No Céu?!” — e Miguilim desengolia da garganta um desespero. — “Chora não, Miguilim, de quem eu gosto mais, junto com Mãe, é de você...” E o Dito também não conseguia mais falar direito, os dentes dele teimavam em ficar encostados, a boca mal abria, mas mesmo assim ele forcejou e disse tudo: — “Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!...” E o Dito quis rir para Miguilim. Mas Miguilim chorava aos gritos, sufocava, os outros vieram, puxaram Miguilim de lá.

Miguilim doidava de não chorar mais e de correr por um socorro. Correu para o oratório e teve medo dos que ainda estavam rezando. Correu para o pátio, chorando no meio dos cachorros. Mãitina caminhava ao redor da casa, resmungando coisas na linguagem, ela também sentia pelo estado do Dito. — “Ele vai morrer, Mãitina?!” [...] — “Faz um feitiço para ele não morrer, Mãitina! Faz todos os feitiços, depressa, que você sabe...” Mas aí, no voo do instante, ele sentiu uma coisinha caindo em seu coração, e adivinhou que era tarde, que nada mais adiantava. Escutou os que choravam e exclamavam, lá dentro de casa. Correu outra vez, nem soluçava mais, só sem querer dava aqueles suspiros fundos. Drelina, branca como pedra de sal, vinha saindo: — “Miguilim, o Ditinho morreu...”

Miguilim entrou, empurrando os outros: o que feito uma loucura ele naquele momento sentiu, parecia mais uma repentina esperança. O Dito, morto, era a mesma coisa que quando vivo, Miguilim pegou na mãozinha morta dele. Soluçava de engasgar, sentia as lágrimas quentes, maiores do que os olhos. Vovó Izidra o puxou, trouxe para fora do quarto. Miguilim sentou no chão, num canto, chorava, não queria esbarrar de chorar, nem podia. — “Dito! Dito!...” Então se levantou, veio de lá, mordida a boca de não chorar, para os outros o deixarem ficar no quarto. [...] Miguilim não aguentava ficar ali; foi para o quarto de Luisaltino, deitou na cama, tapou os ouvidos com as mãos e apertou os olhos no travesseiro — precisava de chorar, toda-a-vida, para não ficar sozinho.

A morte de Dito leva o protagonista a passar por uma espécie de “rito” de amadurecimento. A dolorosa doença do irmão faz com que Miguilim assuma o “papel” de Dito: antes, era o irmão mais novo quem guiava as atitudes do mais velho, entretanto, estando acamado, Dito passa a escutar tudo o que Miguilim tem a dizer e, este, passa a ser os olhos do irmão sobre tudo o que os cerca.

Após o longo período de luto, Miguilim aprende a suportar e enfrentar momentos difíceis que seguiram em sua vida, deixando evidente sua “evolução” depois da morte do irmão: ele suporta todo o sufoco a que o pai o submete ao trabalhar no roçado; confronta o próprio irmão mais velho por considerá-lo injusto; aguenta a surra de seu pai por causa da briga com o irmão, entre outros eventos que marcam sua passagem de amadurecimento.

Tempos depois, Miguilim encontra-se adoentado e, após uma noite ruim, acorda em meio a uma confusão: seu pai, em uma crise de ciúmes, havia matado Luisaltino, um dos vaqueiros que trabalhavam com ele, e, em seguida, havia fugido para o meio do mato. No dia seguinte, advém o pior: o pai se enforca com um cipó. Daí, é o momento em que fica claro para nós, leitores, que realmente havia um caso entre o Tio Terêz e a mãe do garoto: com a morte de Nhô Berno, o irmão volta para casa — o que faz com que Vovó Izidra vá embora —, e Nhanina pergunta a Miguilim se ele aprovaria o casamento dela com o tio dele (“Se daqui a uns meses sua mãe se casar com o Tio Terêz, Miguilim, isso é de teu gosto?”).



Depois, Miguilim nem ia conhecendo quando era dia e quando era noite. Transpirava e tremia invernos, emborçava-a aquela dor terrível na nuca. Só prostrado. Viu grande a cara tristã de seo Deográcias. Engolia os remédios. Sofria um descochilado aborrecimento, quando o estavam pondo na bacia maior, para banho na água fria. — “A barrigüinha dele está toda sarapintada de vermelhos...” — escutava Vovó Izidra dizendo. A mãe chorava, espairecia uma brandura. Davam banho, depois o deitavam, reбуçavam bem. Todos vinham ver. Até Mãitina.

[...]

— “Mãe... Mãe! Mãe!...” Que matizada era aquela? Por que todos estavam assim gritando, chorando? — “Miguilim, Miguilim, meu Deus, tem pena de nós! Pai fugiu para o mato, Pai matou o Luisaltino!...”

— “Não me mata! Não me mata!” — implorava Miguilim, gritado, soluçado. Quando Miguilim tornou a acordar, era de noite, a lamparina acendida, e Vovó Izidra estava sempre lá, no mesmo lugar, rezando. Ela dava água, dava caldo quente, dava remédio. Miguilim tinha de ter os olhos encostados nos dela. E de repente ela disse: — “Escuta, Miguilim, sem assustar: seu Pai também está morto. Ele perdeu a cabeça depois do que fez, foi achado morto no meio do cerrado, se enforcou com um cipó, ficou pendurado numa moita grande de miroró... Mas Deus não morre, Miguilim, e Nosso Senhor Jesus Cristo também não morre mais, que está no Céu, assentado à mão direita!... Reza, Miguilim. Reza e dorme!”

Todavia, nem tudo são espinhos. Se alguns eventos tão tristes amadureceram o menino Miguilim à força, o final da narrativa traz uma mensagem de alegria e esperança. Não que toda a sua vida tenha sido somente de amarguras e desilusões. De certa maneira, mesmo com todas as dificuldades, Miguilim tinha momentos felizes, por exemplo, com os animais da pequena fazenda, durante as brincadeiras com os irmãos, em tantas conversas com o Dito, além de ter a seu favor toda a sua criatividade e imaginação. O que acontece ao final da novela também é emocionante.

Certo dia, dois homens chegam ao Mutum para caçar. Um deles era médico – o Dr. José Lourenço – e percebe que Miguilim não enxergava direito. Então,

coloca seus próprios óculos no rosto do menino e o que se segue é uma cena de puro encantamento, com Miguilim vendo o mundo à sua volta pela primeira vez! O médico se afeiçoa ao menino e chama-o para ir com ele para a cidade, onde teria chance de estudar e, futuramente, trabalhar e, enfim, “ser alguém na vida”.



Após muita hesitação, a própria mãe do garoto o estimula e o faz perceber que aquela era a grande chance de sua vida. Ele acaba decidindo por ir e, na despedida de todos, pede os óculos do médico emprestados para poder vê-los de melhor forma. A cena é marcada por uma prosa poética impactante e inesquecível:



E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutum era bonito! Agora ele sabia. Olhou Mãitina, que gostava de o ver de óculos, batia palmas-de-mão e gritava: — “Cena, Corinta!...” Olhou o redondo de pedrinhas, debaixo do jenipapeiro.

Olhava mais era para Mãe. Drelina era bonita, a Chica, Tomexinho. Sorriu para Tio Terêz: — “Tio Terêz, o senhor parece com o Pai...” Todos choravam. O doutor limpou a goela, disse: — “Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se enchem d’água...” Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca Pingo-de-ouro. E o Pai. Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim... Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava.

Cabe lembrar que Guimarães Rosa tinha uma miopia profunda desde criança e que, como sabemos, formou-se em medicina. É muito fácil imaginarmos, então, que esse final da novela está profundamente marcado por traços biográficos do escritor mineiro.

Em tempo, é preciso frisar que a novela tem um narrador onisciente em terceira pessoa, ainda que, por meio do discurso indireto livre, as falas desse narrador se fundam com as falas, pensamentos e sentimentos dos personagens – principalmente o protagonista, Miguilim –, estrutura, aliás, bastante utilizada por Guimarães Rosa em suas histórias. O espaço da novela é razoavelmente delimitado pelos Campos Gerais e pelo município do Mutum. Já o tempo, marca-se, muito mais, pelo psicológico que pelo cronológico – embora exista a sucessão de dias e noites e de estações do ano, o que dirige a história é mesmo o tempo de Miguilim; seu tempo de percepção, de desenvolvimento, de observação, de amadurecimento.

Personagens

Miguilim: o protagonista. Menino de oito anos sensível, delicado e criativo.

Dito: o irmão preferido de Miguilim, seu maior amigo. Apesar de mais novo, é visto pelo protagonista como sábio e extremamente sensato. Sua morte deixa marcas profundas em Miguilim.

Tomezinho: o mais novo entre os seis irmãos, tem quatro anos de idade.

Drelina: irmã muito bonita, com cabelos compridos e louros.

Chica: com cabelos pretos, iguais aos da mãe e aos de Miguilim. Tida por todos como possuidora de um “malgênio”.

Liovaldo: o mais velho entre os irmãos, não reside no Mutum. Mora com o tio Osmindo Cessim, que lhe custeia os estudos.

A mãe, Nhanina: muito bonita, com longos cabelos pretos. É uma pessoa muito romântica. Envolve-se com o cunhado e com Luisaltino, companheiro de trabalho do marido na roça.

O Pai, Nhô Berno: totalmente obcecado por Nhanina, chega a matar Luisaltino por ciúmes – cometendo, depois, suicídio.

O tio, Terêz: irmão de Berno, torna-se amante de Nhanina, com quem acaba se casando no final da narrativa.

A tia-avó, chamada de Vovó Izidra: a matriarca da família, que conduz a todos com senso de justiça e correção inigualável.

Jé: vaqueiro da fazenda, tem um caso com Maria Pretinha.

Saluz: vaqueiro da fazenda, é casado com Siarlinda.

Rosa: a cozinheira, muito querida por Miguilim.

Mãitina: agregada da família. Bebe muito e é tida por todos do lugar como feiticeira.

Maria Pretinha: empregada da família.

Seo Deográcias: o curandeiro da região.

Seo Aristeu: vaqueiro amigo da família. É alegre, bonito e comunicativo.

Dr. Lourenço: médico que descobre a miopia de Miguilim e o leva para estudar na cidade grande.

Siarlinda: mulher do vaqueiro Saluz e contadora de histórias. Ela é a fonte de inspiração para Miguilim começar também a criar histórias.



QUESTÕES

1. Dentre os personagens abaixo, qual é o único que não é da família de Miguilim?

- A) Chica
- B) Tomezinho
- C) Tio Terêz
- D) Nhô Béro
- E) Rosa

✉ As questões 2 e 3 referem-se ao texto a seguir.

Miguilim espremia os olhos. Drelina e a Chica riam. Tomezinho tinha ido se esconder.

– Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim...

E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

– Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãozinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante. O senhor bebia café com eles. Era o doutor José Lourenço, do Curvelo. Tudo podia. Coração de Miguilim batia descompassado, ele careceu de ir lá dentro, contar à Rosa, à Maria Pretinha, a Mãitina. A Chica veio correndo atrás, mexeu: – “Miguilim, você é piticego...” E ele respondeu: – “Donazinha...”

Quando voltou, o doutor José Lourenço já tinha ido embora.

(Guimarães Rosa. Manuelzão e Miguilim. “Campo Geral”)

2. ITA 2013 Os diminutivos do segmento contribuem para criar uma linguagem

- A) afetada.
- B) afetiva.
- C) arcaica.
- D) objetiva.
- E) rebuscada.

3. ITA 2013 A narrativa

- I. desenvolve-se num universo fantástico, corrobora-se pela subversão da linguagem.
- II. não retrata as experiências afetivas entre Miguilim e as outras personagens, pois o foco está nas ações dele.
- III. é escrita em terceira pessoa, mas a história é filtrada pela perspectiva do menino Miguilim.

Está(ão) correta(s)

- A) apenas I.
- B) apenas I e II.
- C) apenas II.
- D) apenas III.
- E) todas.

4. Unimontes-MG Leia os fragmentos dos textos.

Texto I

“Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Veredado-Frango-d’Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num covão em trechos de matas, terra preta, pé de serra.

Miguilim tinha oito anos. Quando completara sete, havia saído dali, pela primeira vez: o Tio Terêz levou-o a cavalo, à frente da sela, para ser crismado no Sucuriçu, por onde o bispo passava. Da viagem, que durou dias, ele guardara aturdidas lembranças, embaraçadas em sua cabecinha.”

ROSA, 1984. p. 13.

Texto II

“Um dos sonhos da minha vida era ter em casa uma piscina. Tinha aprendido a nadar, já havia disputado mesmo uma competição na piscina do Minas Tênis Clube, categoria de petiz, pretendia me tornar campeão, nadando no mínimo tão bem como Tarzã.”

SABINO, 2008. p. 44.

Faça uma leitura comparativa dos fragmentos de textos retirados das narrativas “Campo geral”, de Guimarães Rosa, e “O menino no espelho”, de Fernando Sabino, e assinale a alternativa que está INCORRETA:

- A O texto I apresenta o personagem Miguilim como narrador da história que descreve o espaço onde vive, o Mutum.
- B No texto I, o narrador-observador conta a história de Miguilim, menino que tem oito anos e vive no meio dos Campos Gerais.
- C Os textos I e II apresentam relatos sobre a vida de dois meninos, mas que vivem em espaços geográficos diferentes.
- D No texto II, tem-se um narrador-personagem que apresenta um grande sonho de sua vida, que era ter uma piscina em casa.

5. UFG (Adapt.) Marcar verdadeiro ou falso para cada alternativa separadamente.

Após a leitura do livro *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa, nota-se que há uma ressignificação de elementos definidores do regionalismo tradicional. Nesse sentido,

- o sertão é concebido tanto como um espaço sem limites geográficos rigorosos quanto como um território marginal à civilização moderna, distancian-do-se, assim, do mundo histórico-referencial.
- a linguagem resulta de um minucioso inventário folclórico-popular, uma vez que o autor valoriza a palavra apenas como registro documental e ignora outras fontes culturais que poderiam revigorar o arsenal linguístico à sua disposição.
- a densidade psicológica do sertanejo deriva de um alheamento social e moral em relação ao meio do qual provém, uma vez que o matuto se encontra colado arbitrariamente ao universo rural.

- a questão da identidade nacional renasce como pano de fundo relevante, em que se vislumbra, na obra do escritor, a perpetuação de uma herança nativista ultrapassada.

6. Enem

Miguilim

“De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro de roupa. Miguilim saudou, pe-dindo a bênção. O homem trouxe o cavalo cá bem junto. Ele era de óculos, corado, alto, com um chapéu diferente, mesmo.

— Deus te abençoe, pequenino. Como é teu nome?

— Miguilim. Eu sou irmão do Dito.

— E o seu irmão Dito é o dono daqui?

— Não, meu senhor. O Ditinho está em glória. O homem esbarrava o avanço do cavalo, que era zelado, man-teúdo, formoso como nenhum outro. Rediziu:

— Ah, não sabia, não. Deus o tenha em sua guarda...

Mas que é que há, Miguilim? Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, por isso é que o encarava.

— Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? Vamos até lá. Quem é que está em tua casa?

— É Mãe, e os meninos...

Estava Mãe, estava tio Terez, estavam todos. O senhor alto e claro se apeou. O outro, que vinha com ele, era um camarada.

O senhor perguntava à Mãe muitas coisas do Miguilim.

Depois perguntava a ele mesmo:

— Miguilim, espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?”

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Esta história, com narrador observador em terceira pessoa, apresenta os acontecimentos da perspectiva de Miguilim. O fato de o ponto de vista do narrador ter Miguilim como referência, inclusive espacial, fica explicitado em:

- A “O homem trouxe o cavalo cá bem junto”.
- B “Ele era de óculos, corado, alto (...)”
- C O homem esbarrava o avanço do cavalo, (...)”
- D “Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, (...)”
- E “Estava Mãe, estava tio Terez, estavam todos”

➤ As questões de 7 a 9 referem-se à obra “Campo Geral”, incluída no livro *Manuelzão e Miguilim* de João Guimarães Rosa.

7. FCM-MG 2018 Assinale a alternativa **INCORRETA** em relação à narrativa de Guimarães Rosa.

- (A) A dimensão mítica da estória é acentuada pela presença de seu Aristeu, figura solar, que reconhece Miguilim como sujeito virtual da aquisição de sua sabedoria.
- (B) A partir da morte de Dito, Miguilim tem motivação para inventar estórias, evadindo-se, assim, da triste realidade de pobreza e de perda.
- (C) O desejo de saber o certo, de separar o bom do mau é um aspecto que pontua a trajetória psicológica do protagonista Miguilim.
- (D) Os conflitos entre os pais de Miguilim remetem a aspectos bíblicos e trágicos, intensificando o caráter universalista da narrativa.

8. FCM-MG 2018 *“Voltando mais ao início da narrativa, é interessante notar que Miguilim se lembra de algumas passagens, na condição de menino ainda menor, de forma embarcada, misturando tudo por sua ótica desordenada, não sabendo discernir o vivido do imaginado.”*

(RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988, p.31.)

Assinale a alternativa que traz a passagem da narrativa que confirma a opinião da ensaísta.

- (A) “[...] se recordava de sumidas coisas, lembranças que ainda hoje o assustavam. [...] Naquele quintal estava um peru, que gruziava brabo e abria roda, se passeando, pufo-pufo – o peru era a coisa mais vistosa do mundo, importante de repente, como uma estória. [...] Do Pau-Roxo conservava outras recordações, tão fugidas, tão afastadas, que até formavam sonho.”
- (B) “O gato Sossõe, certa hora, entrava. Ele vinha sutil para o paiol, para a tulha, censeando os ratos, com o ar. Mas, daí, rodeando como quem não quer, o gato Sossõe principiava a se esfregar em Miguilim, depois deitava perto, se prazia de ser, com aquela ronqueirinha que era a alegria dele, e olhava, olhava, engrossava o ronco, os olhos de um verde tão

menos vazio – era uma luz dentro de outra, dentro doutra, dentro outra, até não ter fim.”

- (C) “Traziam o tatu, que guinchava, e com a faca matavam o tatu, para o sangue escorrer por cima do corpo dele para dentro da bacia [...] e a mãe confirmava: dizia que ele tinha estado muito fraco, saído de doença, e que o banho no sangue vivo do tatu fora para ele poder vingar.”
- (D) “[...] – ‘Que é que você está pensando, Miguilim?’ – Tio Terêz perguntava. [...] Relebrável era o Bispo – creio para ser bom, tão rico nas cores daqueles trajes, até as meias dele eram vermelhas, com fivelas nos sapatos, e o anel, milagroso, que a gente não tinha tempo de ver, mas que de joelhos se beijava.”

9. FCM-MG 2018 *“Resta explicar, rapazes, por que ligo tanto à Medicina. É ainda uma questão de pachorra, uma espécie de mal-aventurada dor-de-corno. Ninguém ignora que uma das... pegas infantis mais vulgarizadas no Brasil, e talvez no mundo, é perguntarem ao rapazinho o que ele vai ser na vida. Foi o que fizeram também comigo uma vez, eu não teria dez anos. Fiquei atrapalhado, com muita vergonha de mim, e de repente escapei: – Vou ser médico. [...] Me tornei médico às avessas, isto é, doente. Mais ou menos imaginário. Sou duma perfeição perfeccional no descrever os sintomas das doenças. Das minhas doenças. E finalmente a Medicina entorpeceu minhas leituras. [...] E quando encontro, em leituras outras, qualquer referência sobre Medicina, ficho.”*

(ANDRADE, Mário de. *Namoros com a medicina*. São Paulo: Martins; Brasília, INL, 1972, p.7-8.)

Mário de Andrade certamente ficharia as passagens a seguir, transcritas de “Campo Geral”, **EXCETO**:

- (A) “Mas o Dito, de repente, pegava a fazer caretas sem querer, parecia que ia dar ataque. Miguilim chamava Vovó Izidra. Não era nada. Era só a cara da doença na carinha dele.”
- (B) “Era Vovó Izidra, moendo pó em seu forninho, que era o moinho-de-mão, de pedra-sabão, com o pião no meio, mexia com o moente, que era pau cheiroso de sassafrás.”

- C “Vovó Izidra espremia no corte talo de bálsamo da horta, depois puderam amarrar um pano em cima de outro, muitos panos, apertados.”
- D “Vovó Izidra fez um pano molhado, com folhas-santas amassadas, amarrou na cabeça dele.”

10. Leia o trecho abaixo para responder à questão que se segue:

E o Dito mesmo gostava, pedia: — “Conta mais, conta mais...” Miguilim contava, sem carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo para ele era o

entendimento maior. Se lembrava de seo Aristeu. Fazer estórias, tudo com um viver limpo, novo, de consolo. Mesmo ele sabia, sabia: Deus mesmo era quem estava mandando! — “Dito, um dia eu vou tirar a estória mais linda, mais minha de todas: que é a com a Cucu Pingo-de-Ouro!...” O Dito tinha alegrias nos olhos; depois, dormia, rindo simples, parecia que tinha de dormir a vida inteira.

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. 11.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.115.

Como podemos aproximar o Miguilim contador de “estórias” do próprio modo de narrar de João Guimarães Rosa? Em outras palavras: em que se assemelham criador e criatura?

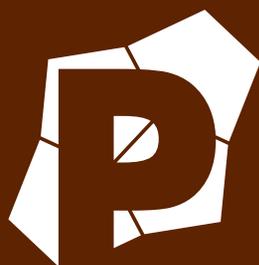
GABARITO

1. E
Rosa é a cozinheira da família de Miguilim.
2. B
Todos os diminutivos utilizados conferem ao trecho um tom bastante afetivo, aproximando o narrador e os leitores de Miguilim e da emoção dele, ao enxergar, pela primeira vez, o mundo com clareza.
3. D
Afirmativa I: incorreta. O erro está em afirmar que a narrativa se desenvolve em um universo fantástico, quando, na verdade, o espaço é bem objetivo e realista.
Afirmativa II: incorreta. A narrativa foca-se em todas as relações afetivas que Miguilim tem pelas pessoas que convivem com ele, como o carinho pelo Tio Terêz, a veneração por Dito, os sentimentos contraditórios em relação ao pai, entre outros.
4. A
O texto I traz um narrador em terceira pessoa que apresenta o personagem principal Miguilim. Ou seja, nesse texto, Miguilim é o protagonista, não o narrador.
5. V – F – F – F.
Segunda afirmativa: falsa. A linguagem está a serviço da narrativa, transmitindo o modo de falar das pessoas daquela região e ressignificando outros elementos para passar maior expressividade, sendo marcantes os neologismos.
Terceira afirmativa: falsa. O sertanejo pertence ao sertão, mas é capaz de uma reflexão profunda e universalizante, transcendendo o meio em que vive.
Quarta afirmativa: falsa. Nativismo não é uma característica que pertence à obra de Guimarães Rosa.
6. A
A referência espacial fica explicitada pelo uso do advérbio “cá”.
7. A
Seo Aristeu é a figura que conduz Miguilim de volta à realidade, após a “aposta” do menino com Deus.
8. A
As “recordações, tão fugidas, tão afastadas, que até formavam sonho” vão ao encontro das palavras da ensaísta, confirmando a mistura do “vivido com o imaginado”.
9. B
A alternativa B não tem qualquer relação com um aspecto ligado à medicina e/ou à saúde, ao contrário das outras três alternativas.
10. Ainda que estejamos cientes das diferenças entre a narrativa oral e a escrita literária, tanto Miguilim quanto Guimarães Rosa usam o ato de narrar como uma forma de ver, compreender e até transfigurar o mundo, criando um universo, ao mesmo tempo, particular e universal.

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP
Telefone: 12 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br

